Ano XXXVI - N.º 6 Revista Mensal 2,50 € Junho 2020

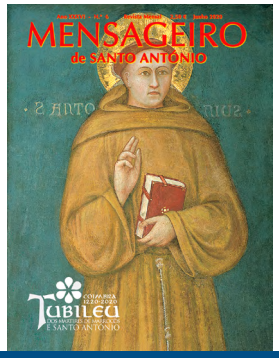
MENSAGEIRO de SANTO ANTÓNIO



COIMBRA 1220·2020

JUBILEU DOS MÁRTIRES DE MARROCOS E SANTO ANTÓNIO

Sumário



Junho 2020 | Nº 06 | Ano XXXVI

Editorial

3 Santo António,
a COVID-19 e nós
Frei Severino Centomo

Voz para vós

4 Adoro Te devote
Frei Fabrizio Bordin

Homem e Sociedade

6 A economia de António
A usura e o coração
Luigino Bruni

8 Ponto e contraponto
Regresso à Galileia
Idalino Simões

10 Traços de uma Presença
Um tempo oportuno
Juan Ambrosio

12 Pés na terra
Já foste ver o mar?
Inês Espada Vieira

14 Memória e Tradição
A real casa e igreja de
Santo António em Lisboa
Pedro Teotónio

Especial

15 800 anos de António
Entre história e lenda
Frei Severino Centomo
De monge
a pregador itinerante
Frei Fabrizio Bordin

Igreja a caminho

25 Vídeo - estreia
O Bem Maior

26 Espaço nova geração
Jovens... e *Christus Vivit*
Beato André Phû Yên
Luís Leal

28 Jubileu 2020
Atenção à dor
Frei Danilo Salezze
O milagre da família
Edoardo e Chiara Vian

Cultura

32 Artes e Letras
Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

Páginas Antonianas

**34 Santo António,
mestre da palavra**
S. Pedro e S. Paulo,
apóstolos e mártires
Frei Valentim Strappazzon

Contracapa

36 Diálogos com António
Recomeçam dia 13 de junho
em direto no Youtube

Capa: Santo António, pintura Escola de Giotto, Basílica de Santo António de Pádua. Foto Giorgio Deganello/Messaggero di sant'Antonio-Padova
Contracapa: Diálogos com António, Santo António de Pádua, Tanzio da Varallo.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

AGÊNCIAS Ecclesia e Lusa (Portugal)

Diretor
Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)
Diretor-adjunto
Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)
Administrador
Frei Domenico Celebrin
Redação
Frei Severino Centomo
Proprietário e Editor
Associação Cultural
Mensageiro de Santo António
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição
Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas
Telefone e fax
239 438 190
Correio eletrónico
mensageiro.assinantes@gmail.com

Atendimento:
segunda, quarta e sexta-feira (manhã)

Preço da assinatura anual

Só digital:	15 €
Portugal:	22 €
Europa:	35 €
Fora da Europa:	50€ - $75 (CAN)
Amigo:	50 €
Benemérito:	100 €

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA
0010 0000 42510410001 59
IBAN da ACMSA
PT50 0010 0000 42510410001 59
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão
SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612
Depósito Legal n.º 26.837/89

O MENSAGEIRO de Santo António é propriedade da ACMSA, entidade sem fins lucrativos

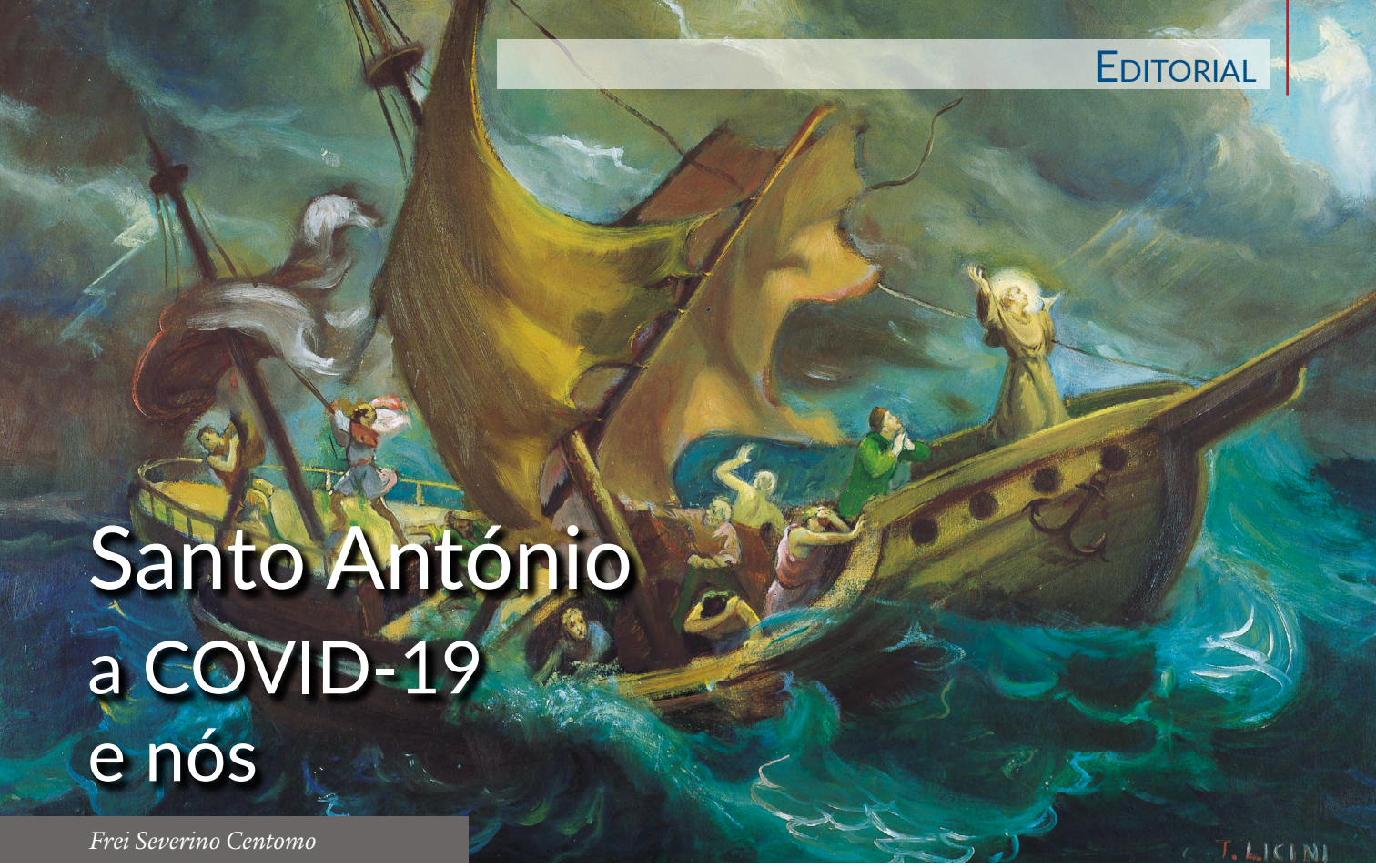
Estatuto Editorial
https://santoantonio.live/about/
Edição digital
https://santoantonio.live

Tiragem do número anterior:
2.750 exemplares





Associado



Santo António a COVID-19 e nós

Frei Severino Centomo

O título pode parecer caricato: o que tem a ver Santo António, que viveu há 800 anos, com o vírus que está a atacar a nossa humanidade, semeando pânico, dor e morte?

Estamos no ano do *Jubileu dos Santos Mártires de Marrocos e da vocação franciscana de Santo António*: um evento que movimenta muitas pessoas e muitas instituições. Porém, mal havia começado, o programa ficou bloqueado, devido ao coronavírus. Só agora, no mês de junho (o mês de Santo António), é possível, depois de refletir sobre o acontecido, retomar os fios do programa enxertando-o no nosso quotidiano, ainda marcado pelas consequências do vírus.

O que é, então, que Santo António nos quer sugerir nesta circunstância? Qual é a lição que podemos tirar desta paragem forçada devida à pandemia? A resposta surge, de forma indireta, da carta que o Papa Francisco enviou aos confrades de Santo António:

> *Desejo – diz o Papa – que os franciscanos e os devotos de Santo António espalhados por todo o mundo experimentem a mesma santa inquietação que conduziu António a percorrer os caminhos do mundo para testemunhar, com a palavra e as obras, o amor de Deus. O seu exemplo de compartilhar as dificuldades das famílias, dos pobres e dos desfavorecidos, bem como a sua paixão pela justiça e pela verdade, possa despertar, ainda hoje, um compromisso generoso de entrega, como sinal de fraternidade. Penso sobretudo nos jovens: este Santo antigo, mas tão moderno e genial nas suas intuições, possa constituir para as novas gerações um modelo a seguir, de modo a tornar fecunda a caminhada de cada um.*

A lição que esta pandemia nos traz é dupla: a consciência da nossa fragilidade e a necessidade de juntarmos esforços para combater todo o género de vírus, não apenas os que atacam o corpo, mas também os que atingem a mente, a alma e o coração. É necessário mudar a nossa forma de viver e de nos relacionarmos. É necessário encontrar a verdadeira Sabedoria que vem do alto deixando-nos guiar por ela.

Santo António, quando o barco que o transportava para realizar o seu desejo de ser missionário em Marrocos naufragou, não se revoltou contra a má sorte ou contra o Senhor, mas entendeu que, em vez de teimar no seu propósito de ser missionário, devia antes deixar-se conduzir por Deus seguindo a Sua vontade. Foi assim que se tornou missionário e que a sua vida se tornou fecunda. Portanto, também para nós: nenhum medo e nenhum desânimo, mas a certeza de que, em Cristo e como Ele disse, podemos vencer a batalha da nossa vida e do nosso mundo. ■



Adoro
Te devote

Fabrizio Bordin

Santa Clara segurando a custódia do Santíssimo Sacramento, Giovanni Battista Moroni, 1548. Wikimedia Commons | Foto Saiko 2016.

"Adoro te devote, latens Deitas" – "Devotamente Te adoro, ó Divindade escondida". É o *incipit* (início) de um antigo hino de adoração ao Santíssimo Sacramento do grande teólogo e poeta São Tomás de Aquino.

O mês de Junho caracteriza-se, para além das festas e arraiais dos Santos populares, pela solenidade do Corpo de Deus. Bem sabemos quão sugestiva e significativa é a procissão que enche de devoção e cânticos as nossas cidades e aldeias, com colchas às janelas e tapetes de flores na via pública. Parece que o COVID-19, invisível e perigoso, queira prevalecer, neste Junho de 2020, sobre "a Divindade escondida" nas aparências do pão e do vinho.

Contudo, quero pensar que não é assim. Surgiram-me, nestes dias, algumas imagens, carregadas de simbolismo e força transcendente, mesmo no meio da fragilidade.

A primeira é de 28 de Março e dos dias seguintes. O Papa Francisco que abençoa a cidade de Roma (*urbi*) e o mundo inteiro (*orbe*) erguendo a custódia com o Santíssimo Sacramento, numa praça de São Pedro vazia, mas cheia da presença espiritual dos fiéis através dos meios de comunicação social. Uma bênção onde a Eucaristia – *Verbum Panis* – ilumina as trevas! Gesto repetido por vários bispos de Portugal e do mundo, que saíram em dia de Páscoa, para abençoar a cidade e os seus habitantes, como aconteceu na ponte D. Luís, na cidade do Porto.

Mais atrás, no tempo, encontramos dois ilustres santos da família franciscana: Clara de Assis e António de Lisboa.

Santa Clara – vejam bem! – uma mulher, que se apresenta ao pé da porta da igrejinha de São Damião, segurando a custódia do Santíssimo Sacramento, para defender o seu mosteiro e a cidade de Assis das incursões dos sarracenos.

Colabora Com A Caritas Antoniana



Assina e divulga

O Mensageiro de Santo António

Ao assinar a revista, durante o **Jubileu 2020**, estás a contribuir com **10%** para a **Caritas Antoniana.**

Preço da assinatura anual

Só Digital	15 €
Portugal:	22 €
Europa:	35 €
Fora Europa:	50€ - $75 (CAN)

Ainda hoje, aquele evento, está gravado na memória dos habitantes de Assis, agradecidos a esta mulher que fez da *clausura* um lugar de luta contra os males e as injustiça do seu tempo.

Santo António, ainda mais arrojado, leva o Santíssimo para a praça diante das bestas: o herege e a mula. O episódio aconteceu em Toulose, no sul da França, onde António pregava fazendo frente a vários movimentos heréticos. Após longa discussão sobre a presença do corpo de Cristo na Hóstia, este herege anónimo, perde a paciência e desafia o nosso Santo com uma aposta ridícula: levar-lhe a mula, depois de três dias em jejum, no largo diante da igreja.

Santo António aceitou o desafio e, no dia escolhido, o descrente chegou com a sua mula que por três dias tinha sido mantida em jejum.

O homem, todo convencido, colocou-se no meio da praça com um cesto bem cheio de feno, para que todos vissem bem. Mas quando o santo e humilde frade saiu da igreja, caiu um grande silêncio e todos ficaram assombrados com aquilo que acontecia: a mula, perante a custódia do Santíssimo, descurando a forragem, curvou-se e ajoelhou-se, com grande humildade, diante da Hóstia sagrada.

De repente dois seres adoravam a Eucaristia: a mula e a "besta" do seu dono.

Épocas diferentes, todas unidas pela força dos gestos, onde o que parece frágil e humanamente incompreensível, afinal contém a força e o amor de Deus.

Por isso, São Tomás pode cantar:

Quia Te contemplans totum deficit.
Ao contemplar-Te tudo desfalece.

Sim, tudo se desfaz: o medo, as dúvidas, a insegurança, as trevas, a desconfiança, o ódio, os ressentimentos, as mágoas e as angústias, o desespero e tantas outras negatividades. Tudo podemos colocar na presença de Jesus sacramento do Amor de Deus. ■



A usura e o coração

Luigino Bruni

O coração do avarento, **À direita**: Pormenor do mesmo milagre, baixo relevo de Lombardo Tullio, sec. XVI, Basílica de Santo António de Pádua. Foto Deganello Giorgio, Messaggero di Sant'Antonio.

António aprendera na Bíblia que a luta contra a usura brota do amor pelos pobres. Na verdade, os que amam os pobres odeiam a usura e apreciam o trabalho.

O encontro entre António e Francisco foi um encontro entre dois carismas. Fernando tornou-se filho de Francisco, é claro, mas foi também seu irmão. Fernando tinha o seu próprio carisma antes de se tornar António e continuou a desenvolver o seu próprio carisma após o abençoado encontro com os franciscanos a partir de 1219 – 1220.

António continuou o magistério sobre a pobreza iniciado por Francisco na senda de Jesus Cristo. Muitas das coisas que ele disse e que não haviam sido ditas por Francisco, tornaram-se, depois, património franciscano e de toda a Igreja graças ao carisma de António.

Francisco foi cantor e mestre da pobreza, António foi mestre em desmascarar os artifícios da riqueza. Francisco é o santo de "bem-aventurados os pobres", António de "ai dos ricos", duas palavras do mesmo Evangelho, duas palavras da mesma vida.

É no contexto dos sermões do Santo sobre as seduções da riqueza que floresce a sua pregação sobre a usura e os usurários: um pensamento e uma ação baseados na Escritura, do Antigo e do Novo Testamento, que faz de António um dos primeiros "biblistas" *ante litteram* da Idade Média.

Uma das histórias mais conhecidas sobre António está ligada à riqueza.

Na Toscana, decorria com pompa e circunstância o funeral de um senhor muito rico. Na cerimónia estava presente Santo António, o qual, movido por uma inspiração repentina, começou a gritar que aquele morto não devia ser enterrado num lugar sagrado (...) pois a sua alma estava condenada no inferno e, além do mais, aquele cadáver não tinha coração, conforme afirmou o Senhor no relato de Mateus:

"Pois onde estiver o teu tesouro, ali estará também o teu coração" (Mt 6,21). Naturalmente, todos ficaram chocados com essa intimação e surgiu uma excitada troca de opiniões. Por fim, foram chamados uns cirurgiões, que abriram o peito do falecido. Mas não encontraram o coração que, segundo a previsão do santo, estava no cofre juntamente com o dinheiro aí guardado (...).

Polentone, *Vita di S. Antonio*

Um episódio extraordinário, um misto de história e lenda, com um enorme alcance pedagógico, antropológico e teológico.

António, nos seus sermões, fala frequentemente da usura e dos usurários:

Diz o profeta Naum: "Ai da cidade sanguinária, cheia de fraude, de violência e de contínuas rapinas!"(Na 3,1). A alma vive do sangue, o pobre dos seus escassos recursos. Se retirarmos o sangue do homem e aos pobres os seus recursos: ambos morrem. Os saqueadores e os usurários que se apoderam das coisas dos outros serão chamados "cidade sanguinária". E o sangue dos pobres é frio.

Sermões, V



A usura é um imposto sobre o património ao contrário, pago pelos mais pobres e, quanto mais pobres, mais alto o imposto.

Os Montepios, as primeiras formas de banca ética e sem fins lucrativos (dizia-se então: *sine merito*), nascidos para combater a usura, são plantas nascidas no final do século XV, a partir da semente lançada por Francisco, mas foram, sobretudo, fruto da palavra e da ação de António.

Na Bíblia, a usura é condenada porque é uma forma de rendimento que resulta não do trabalho e do esforço, mas do facto de alguém possuir e utilizar em próprio benefício uma posição de poder.

Hoje, em tempos de escassa liquidez, a usura renasce e cresce de novo, porque há sempre quem possui muito dinheiro e usa este poder para ganhar ainda mais à custa daqueles que não tendo dinheiro, precisam dele para viver.

ONTEM, COMO HOJE, AS VÍTIMAS DA USURA SÃO OS POBRES.

E, assim, as palavras de António ressoam com uma extraordinária atualidade: quem ama os pobres odeia a usura (e aprecia o trabalho).

Ontem, hoje e amanhã: "O usurário transforma num deserto a Igreja do Senhor" (António, *Sermões*, Prólogo). ■



Regresso à Galileia

Idalino Simões

Não temais. Ide anunciar aos meus irmãos que partam para a Galileia. Lá me verão.
(Mt 28,10)

Neste tempo em que nos damos conta da nossa fragilidade, esta passagem de Mateus serve de início à minha reflexão. Uma reflexão que é, um conjunto de quietações sobre o que a Igreja será depois desta provação.

"O tempo é graça". "Tempo é dinheiro". Este tempo de pandemia coloca-nos diante desta dupla visão: dois ângulos de uma realidade que não dominamos. Como afirmava D. António Marto num santuário vazio:

É uma situação dramática e trágica, sem precedentes, que nos convida a refletir sobre a vida e, em primeiro lugar, a ir ao essencial, que muitas vezes esquecemos quando a vida corre bem. Põe a nu e revela a vulnerabilidade e a fragilidade da nossa condição humana. Às vezes, parecemos tão tremendamente fortes e somos tão tremendamente frágeis e vulneráveis. Leva-nos a pensar sobre o sentido da vida (Para quê vivo? Para quem vivo?) e sobre a possibilidade e a realidade da morte, da nossa própria morte e da dos entes queridos. Obriga-nos a repensar os nossos hábitos, o nosso estilo de vida, a escala de valores que orienta a nossa vida. Não se pode viver só para produzir e para consumir, para ter e para aparecer.

O Tempo é sempre o Tempo de Deus. Mesmo quando o silêncio e a noite parecem mergulhar-nos no vazio sem saída: "sabeis interpretar o aspeto do céu; mas, quanto aos sinais dos tempos, não sois capazes de os interpretar!" (Mt 16,3).

A palavra de Deus é também a "palavra acontecida", linguagem subtil impressa no coração do tempo onde nos movemos. Como a lemos?

Que Igreja vai nascer depois deste esvaziamento de ritos e de espaços religiosos?

Estamos dominados por ocultas forças que fazem entrever "um governo mundial isento de qualquer controlo", diante

de "subtis formas de ditadura" correndo o risco de instauração de "uma odiosa tirania tecnológica"?

Diante dos profetas da desgraça, para os pobres e simples do reino há boas novas?

A Igreja pós pandemia só pode ser uma igreja mais samaritana, uma igreja capaz de descobrir as sementes de mostarda do reino porque não será mais um cedro do Líbano, mas um pequeno arbusto onde as aves podem fazer os seu ninhos.

Tem que ser uma igreja cada vez mais desclericalizada, sem força nem poder, esvaziada das suas memórias de riqueza e domínio.

Só poderá ser uma Igreja serva e pobre e, por isso mesmo, capaz de estar ao lado de todos os pobres e perdidos desta terra.

Só poderá ser uma igreja onde todos têm voz e vez. Os discípulos, os apóstolos, os homens, as mulheres e os que no íntimo do seu coração "esperam o Reino de Deus".

Uma Igreja que deve assumir os três mandatos da última ceia: "amai-vos como eu vos amei", "como eu vos fiz, fazei vós também" e "fazei isto em memória de mim".

No fundo, a Igreja tem que regressar à Galileia. Reencontrar-se no seguimento de Jesus, aprender a cuidar, a curar, a anunciar o reino, a partir e repartir o pão.

Regressar à Galileia é regressar à simplicidade e à pobreza de quem não tem "onde reclinar a cabeça", e, mesmo assim, como os discípulos, ousar segui-Lo.

Regressar à Galileia para espalhar a semente. Partir como semeador, preocupado com a seara. Partir sem levar duas túnicas (já repararam na parafernália das vestes litúrgicas? simbolizam serviço ou poder?)

Regressar à Galileia, ao pequenino rebanho, pequeno resto que deve ser fermento, sal e luz, esvaziando-se para que Ele possa preencher os vazios da vida.

Regressar à Galileia, como o papa Francisco tem vindo a proclamar, com a alegria de o anunciar, com a alegria do amor, com misericórdia e compaixão.

Regressar à Galileia para perceber que não é "em Jerusalém nem no monte Garizim que se encontram os adoradores do Pai" e que, por isso mesmo, homens e mulheres de todos os quadrantes, de todos os credos, podem ser verdadeiros adoradores.

Regressar à Galileia para tocar os leprosos, abraçar os pródigos, acolher os pecadores, ficar em casa dos Zaqueus.

Regressar à Galileia para descobrir as flores, as aves do Céu, esta terra que nos foi dada para cuidar e não para destruir.

Regressar à Galileia é regressar ao Evangelho, para que ele não esteja a mais nesta Igreja que o deve anunciar.

Só Ele fará novas todas as coisas e nos ajudará a prosseguir com um coração renovado. ■



Nazaré, Galileia, Arquivo MSA 2011.
À esquerda: Peregrinos no caminho alternativo para Fátina, Lusa | Paulo Novais 2016.



Um tempo oportuno

Juan Ambrosio

Escrevo estas linhas no momento em que se celebra a semana *Laudato Si'* para assinalar o 5º aniversário da publicação desta Encíclica (24 de maio de 2015).

Na convocatória, que desafia as comunidades cristãs para esta celebração, o papa Francisco lança uma pergunta: Que tipo de mundo queremos deixar para aqueles que nos sucedem, para as crianças que estão crescendo? E a pergunta é feita a partir da constatação de que o clamor da terra e o clamor dos pobres não podem esperar mais por respostas concretas e decididas.

Face a esta realidade, a dúvida insinua-se de um modo, cada vez mais, evidente: será que ainda vamos a tempo? Será que temos mesmo vontade de fazer algo diferente? Os tempos que estamos a viver suportam igualmente estas interrogações. Pouco a pouco vamos procurando regressar a uma dita 'nova normalidade'. Fartos que estávamos de ter as nossas rotinas alteradas queremos, agora, regressar aos modos e estilos de vida a que estávamos habituados, se bem que saibamos que, para isso, temos de usar máscaras e não estar tão próximos fisicamente uns dos outros.

Mas será que essa é a única novidade? Será que o grande objetivo é regressar à 'normalidade' existente antes da pandemia?

São muitas perguntas eu sei, mas se quisermos aprender algo com tudo isto que estamos a viver, então não vejo como não as colocar. É que podemos viver esse tempo como algo meramente passageiro, algo que lentamente vai ficando para trás e que ficará para sempre registado nos livros de história como um acontecimento extraordinário que causou muita perturbação e sofrimento a muitas pessoas, mas que pode correr o risco de ficar reduzido a essas páginas de memória, ou, então, podemos vivê-lo como um tempo oportuno para repensar e recriar muitas coisas na maneira como vivemos e no futuro que estamos a construir e vamos deixar às nossas crianças.

A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum.

Ao pensar assim, neste contexto, recorro a uma passagem da *Laudato si'* que aqui partilho convosco, por me parecer bastante inspiradora:

> *O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. (nº 13)*

Sim, as coisas podem mudar. Atrevo-me mesmo a dizer que as coisas têm de mudar. Não podem, de modo nenhum ficar na mesma. Se assim fosse esta poderia ser uma oportunidade perdida. Este é um tempo que nos faz cair na conta da necessidade da mudança. Já percebemos que não somos 'todo-poderosos'; já experimentámos a nossa generalizada fragilidade (há grupos de risco, mas todos podemos ser infetados); já intuímos que o 'cada um por si' não é o melhor caminho; já constatamos que nesta, como em quase todas as situações, são sempre os pobres que sofrem mais; já sentimos o terrível peso do isolamento e o que a solidão pode provocar; já vimos como o esquecimento (de pessoas concretas) pode condenar.

Seria terrivelmente pouco

Por tudo isto, e tantas outras coisas que cada um de nós experimentou e está a experimentar das mais diversas maneiras, a novidade não pode ficar pelas máscaras, pelos dois metros de separação, pelas filas e espera na entrada dos estabelecimentos comercias, pelo menor número de mesas em restaurantes e esplanadas, pela delimitação do areal das praias, pelo menor número de passageiros, por beijos e abraços mais contidos e reservados... ficar por esta novidade seria pouco, terrivelmente pouco.

Temos de ser capazes de ensaiar outra novidade que seja mesmo capaz de dar resposta ao grito da terra e ao grito dos pobres, que seja capaz de nos unir como família humana na procura do desenvolvimento sustentável e integral, onde não haja lugar para 'sobrantes' nem 'descartados'.

Este deve ser, tem de ser, não pode deixar de ser um tempo oportuno para trilharmos esse caminho.

Deixo-me de novo inspirar pelo texto da Encíclica agora no seu nº 202:

> *Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração.*

Este é, de facto, um dos grandes desafios culturais, espirituais e educativos que temos de enfrentar. Mas ainda vamos a tempo e este pode mesmo ser um tempo oportuno. ■



Manifestação de protesto de actores, em Atenas, 7 maio 2020. EPA | Orestis Panagiotou.
À esquerda: Fotografia do confinamento no Brasil - projeto câmara escura, Brasil, 3 maio 2020. EPA | Guilherme Santos.



Já foste ver o mar?

Inês Espada Vieira

Quando esta revista se abra nas mãos dos leitores, já a primavera vai alta e o junho traz a certeza do verão.

O ciclo virtuoso das estações do ano é menos incerto do que o rosto que cada tempo vai ter: que verão será o nosso? O das noites de brisa quente ou o dos fins de tarde ventosos? O do sol que brilha desde bem cedo ou daquelas manhãs nubladas, ao-meio-dia-ou-carrega-ou-alivia?

Que verão vai ser o do nosso desconfinamento? Podemos (devemos?) perder o medo?

Escrevia a minha amiga Catarina no Facebook nos idos de maio: "Quando não podemos ver o mar, a malta pira. Quando desconfinamos, a seguir à família a pessoa corre para ver o mar."

Pelo que ouço e leio, tanto no espaço público como em privado, há uma permanente nostalgia do mar. Não se trata só da praia, do direito ao lazer, dos pés na areia quente, do perfume a bronzeador, das frases nítidas no meio da confusão de vozes, da beira mar...

Não se trata apenas dessa promessa-memória daqueles dias estivais que suspendem a monotonia do ano inteiro. O mar que vejo e ouço nessas imagens e declarações é sobretudo o horizonte sem fim, uma extensão imensa em três dimensões a que o olhar consegue dar limites. E abarcar. E abraçar.



Não tenho a certeza de que todas as pessoas que falam e escrevem sobre a necessidade de ver o mar, o vejam tão amiúde.

E também penso que é mais fácil dizê-lo e fazê-lo para quem vive no litoral, mas que há outros mares de terra arada e tron-

cos altos, mares feitos da ondulação, suave ou abrupta, das serras e dos montes, águas que correm doces e arbustos carregados de amoras.

Sei que todos têm o mar no que ele representa de liberdade, de esperança, de silêncio, e de poesia. Não a poesia sublime dos versos de Sophia de Mello Breyner, que desenhou mares em palavras, que navegou oceanos de todos os quadrantes e de todos os tempos. Falo da poesia que não é para ler, da poesia que amam aqueles que nunca leram mais versos do que o Camões "enfiado pela goela abaixo" (e essa maneira de tratar o mais alto dos Poetas não conta como poesia), da poesia como modo de respirar (com) a Terra.

Creio que o desejo de ver o mar é menos pela paisagem do que pela necessidade que temos de futuro. O futuro em que quase não ousámos pensar nos dias do confinamento obrigatório (e necessário). Quando o verbo surgiu – desconfinar – ninguém ficou parado na estranheza da palavra, nem a desconfiar de certas parecenças ortográficas; desconfinar é a nossa pequena conquista, o aprazível privilégio de desejar algumas coisas só nossas. Como escrevia a Catarina, primeiro a família e depois o mar.

E depois disso, o que escolhemos como breve concessão a uma normalidade que não volta?

Um café com os amigos, um almoço em casa da família, uma partida de cartas, um passeio no jardim, um copo na esplanada ao final da tarde? De fugida, de máscara (valoriza os teus lindo olhos), o álcool à mão, momentos roubados ao tempo da Covid.



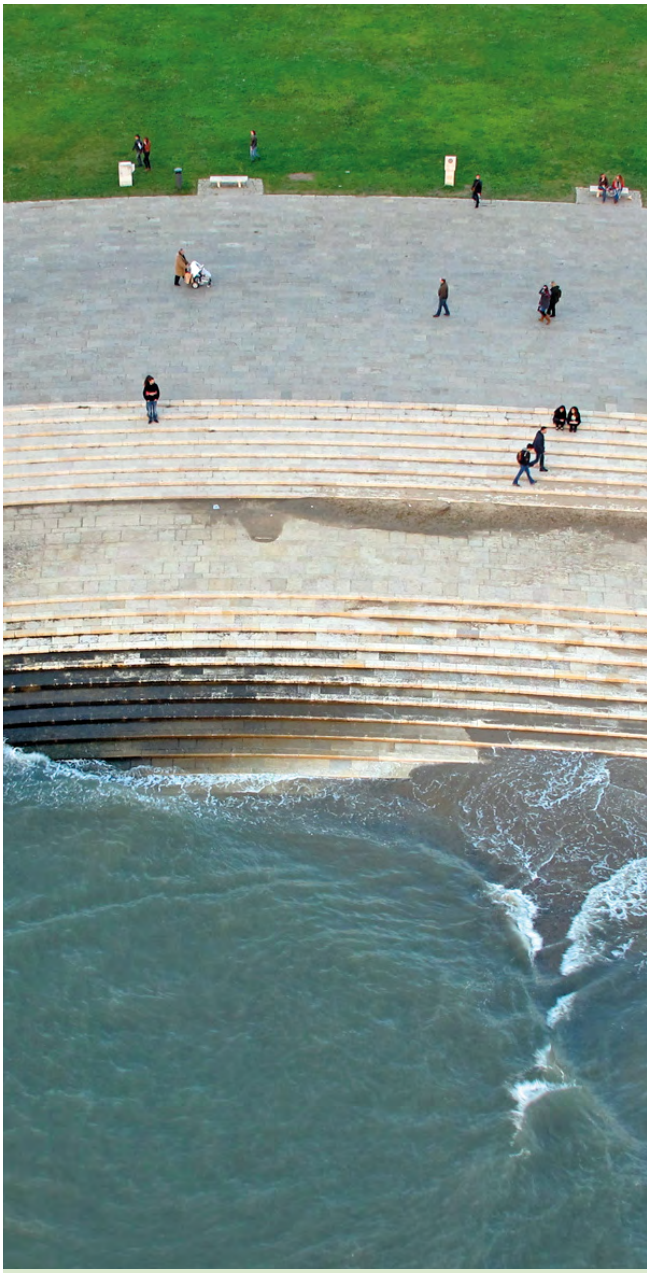
Como chamamos ao tempo depois? Como medimos este tempo, como o contamos e separamos e legitimamos, e como lhe damos sentido? Confinar, desconfinar, continuar?

Insisto: como damos sentido ao tempo estranho e duro que vivemos?

A promessa do mar pode ser o sentido de que precisamos; cada qual o seu mar, o seu horizonte, o seu futuro, a sua esperança –necessários como candeias acesas ao longo de todo o tempo deste caminho de traçado ignoto.

Em qualquer momento podem perguntar: *E tu, já foste ver o mar?*

Desejo responder: *Não fui, não. É que não o perdi de vista*. ■



Fotos de Pedro Barros, 2011 a 2017.



A Real Casa e Igreja de Santo António em Lisboa

Igreja de Santo António, em Lisboa. Década de 1940. Foto de Eduardo Portugal | Museu de Lisboa – Santo António.

Pedro Teotónio Pereira

Em 1982, quando o Papa João Paulo II veio pela primeira vez a Portugal, fez questão de ser recebido pelas autoridades municipais de Lisboa na Igreja de Santo António.

Foi uma visita muito importante que se revestiu de um grande significado simbólico. Para além de confirmar a importância do Santuário como o lugar do nascimento de Santo António, revalidou a relação histórica da cidade de Lisboa com a devoção a Santo António.

Na verdade, a casa onde Santo António nasceu, no ano de 1191, tornou-se propriedade municipal pelo menos a partir do seculo XIII (mantendo-se atualmente a única igreja de Lisboa aberta ao culto que é propriedade da Câmara Municipal). Foi aqui, aliás, que esteve instalado, durante mais de 400 anos, o Senado da cidade de Lisboa.

Esta propriedade foi sempre respeitada pelas autoridades religiosas: a bula *Sedes Apostolica licet*, de 24 de janeiro de 1433, concedida à cidade de Lisboa pelo Papa Eugénio IV, confirma que a capela de Santo António sai da jurisdição ordinária do arcebispado e demais autoridades eclesiásticas da Sé de Lisboa, para ficar sob alçada direta do Vaticano.

Também o poder real nunca questionou esta propriedade e sempre que quis intervir na Igreja pedia previamente a respetiva autorização à edilidade. Foi o que fez D. João II quando em 1493 requer autorização à Câmara para fazer um oratório na capela de Santo António. O rei morreu antes de poder cumprir este desejo, mas deixou uma verba em testamento para que fosse cumprida pelo seu sucessor. D. Manuel irá fazer, às suas custas, uma intervenção mais profunda e patrocina a construção de uma igreja no lugar da capela, que a partir daqui toma o nome de Real Casa e Igreja de Santo António.

Mais tarde esta igreja será enriquecida por ação de D. João V, mas o terramoto de 1755 provocará grandes danos, só sobrevivendo a capela-mor e a imagem de Santo António que ainda hoje lá permanece.

A devoção popular, com esmolas recolhidas em todo o reino, permitiu a reconstrução da igreja. Com traço do arquiteto Mateus Vicente, será benzida no dia 15 de maio de 1787.

O conturbado século XIX e a extinção das ordens religiosas vão levar ao encerramento da Igreja. As comemorações antonianas de 1895 e a organização do Sétimo Centenário da morte de Santo António de 1931 reclamam a sua reabertura, que ficou estabelecida com um acordo entre a Câmara Municipal de Lisboa e o Patriarcado em 1926. A administração da Igreja e gestão do culto foi entregue ao Cardeal Patriarca que a confia à Ordem Franciscana e que, desde essa altura, tem contribuído para a afirmação do Santuário e de Portugal no culto antoniano. ■



Santo António de Coimbra para o mundo

O Papa Francisco concede
à diocese de Coimbra
a graça de celebrar um **Jubileu**,
em memória dos **800 anos**
dos Mártires de Marrocos
e da vocação franciscana
de Santo António

Este **Ano Santo,** que decorre
de 12/01/2020 a 17/01/2021,
quer propor a celebração:

da fidelidade na fé,
da alegria do Evangelho,
do entusiasmo missionário,
do testemunho da caridade,

em ordem à renovação da nossa vida
e da nossa sociedade.

COIMBRA
1220·2020
JUBILEU
DOS MÁRTIRES DE MARROCOS
E SANTO ANTÓNIO

www.jubileu2020.pt
santoantonio.live/jubileu2020



Entre história e lenda

convento de Santo António dos Olivais

Frei Severino Centomo

Quando, no século XI, Coimbra foi reconquistada aos mouros, o bispo e o alcaide da cidade concordaram em repovoá-la não apenas por famílias cristãs, mas também com igrejas e capelas, espalhadas por todo o território. Deste modo, também no subúrbio mais alto da cidade, viria a ser construída uma capela dedicada a Santo António Abade (ou Santo Antão), o santo cenobita que a Igreja considera o padroeiro dos animais domésticos. A capela foi construída no cimo de uma agradável colina cheia de vegetação, oliveiras e vinhas, chamada Monte dos Olivais que, com a construção da Capela, passou a ser chamada de "Santo Antão dos Olivais".

Foi precisamente este lugar e esta capela que a rainha Dona Urraca achou por bem oferecer aos primeiros frades menores que acabavam de chegar a Portugal, vindos de Assis. Obviamente, os frades ficaram encantados quando, ao pedir, por amor de Deus, um abrigo, receberam o monte dos Olivais.

De facto, este lugar favorecia o recolhimento, a oração e a meditação; daqui podiam ir até à cidade, encontrar trabalho e pedir esmola para poderem viver e partilhar com santa alegria e caridade.

No começo, porém, as coisas não correram assim tão bem: as roupas andrajosas que vestiam, a língua estrangeira que falavam e o temor que incutiam por parecerem vagabundos ou hereges, provocaram uma vaga de rejeição. Foi graças à Corte Real e, em particular, à rainha Dona Urraca, que eles puderam ficar tranquilos naquele lugar.

Passado pouco tempo, porém, graças à sua humildade, ao serviço aos mais pobres e doentes, à sua alegria e à sincera piedade, conseguiram granjear a simpatia e a benevolência de todo o povo.

Apesar disso, a sua presença e o seu trabalho terão continuado a provocar alguma aversão e desconforto por parte daqueles que, em princípio, deveriam ter ficado mais felizes: os clérigos, ou seja, aqueles que possuíam o poder clerical e temiam perdê-lo, por causa desses frades leigos que pregavam a conversão e a testemunhavam com uma vida pobre, fraterna e casta.

De facto, a chegada dos franciscanos a Portugal trouxe a "novidade" do Evangelho a uma Igreja que, como por toda a Europa, estava demasiado ligada ao poder temporal e vivia fechada nos próprios interesses. Uma Igreja que "não via" a situação de miséria e de sofrimento em que o povo de Deus se encontrava.

Os frades, pelo contrário, saíam dos conventos para visitar e ajudar os pobres, os doentes e os prisioneiros. Por isso eram amados pelas pessoas simples, mas malvistos pelos nobres e pelo alto clero, que, quando muito, os toleravam.

Quando Fernando Martins de Bulhões, em 1220, pediu para se tornar frade menor e continuar o trabalho missionário dos Mártires de Marrocos, o convento que o acolheu não tinha muito a ver com o conceito que hoje nos evoca a palavra convento.

O convento de Santo Antão dos Olivais era composto por simples cabanas encostadas à capela de Santo Antão, que mal ofereciam abrigo contra as intempéries. O convento propriamente dito será construído alguns anos mais tarde, em 1232, já o irmão António se tornara Santo, de Lisboa, de Pádua e de todo o mundo.

Quando a fama do "Monte dos Olivais" começa a crescer, bem como o número de frades, decidem construir um novo convento, mais próximo da cidade, fora das muralhas, perto do rio Mondego.

Entretanto, começando o Monte dos Olivais a tornar-se um lugar de devoção e peregrinação popular, os cónegos da Sé mandam ampliar a igreja, agora dedicada a Santo António.

Os frades regressam a este lugar, em 1540, provenientes de uma nova província da ordem franciscana, chamada "Província da Piedade", pertencente a uma reforma da mesma ordem. O convento é simples e pobre, mas tem condições para receber um bom número de frades e oferecer hospitalidade aos peregrinos e viajantes. Na sua quinta, existe uma fonte, chamada de Santo António, da qual jorra uma água límpida e saudável, que abastece toda a área e alegra as pessoas que lá vivem.

A presença franciscana marcou significativamente este local por três séculos, até 1834. Anota o historiador Correia Góis: "Este convento era uma forja do carisma franciscano: muitos dos seus filhos saíram daqui como missionários, pregadores, confessores, compartilhando a paixão pelo Reino e o serviço da caridade".

Hoje, após o regresso dos frades menores conventuais, em 1974, o "Monte dos Olivais" voltou a florescer e continua a espalhar o perfume do Evangelho. Para a cidade de Coimbra, representa um lugar de espiritualidade e de acolhimento, um lugar onde é possível tocar com a mão o "desejo" de Santo António de fazer da sua vida algo de grande e belo ao serviço da Palavra e da Caridade. ■



Santo António dos Olivais no 1º quartel do sec. XX, postal ilustrado. **À esquerda**: Igreja/convento de Santo António dos Olivais, em Coimbra. Foto MSA abril 2020.



De monge a pregador itinerante

Frei Fabrizio Bordin

Texto elaborado a partir da apresentação de Luciano Bertazzo, *Dizionario Antoniano*, Messaggero, Padova 2002

No ano de 1219, em Coimbra, António, quando era ainda Fernando, encontrou pela primeira vez um grupo de frades oriundos do centro de Itália que se preparavam para ir a Marrocos pregar o Evangelho. Este encontro deixou uma marca indelével no ânimo de Fernando, que, ao ver regressar meses depois os corpos desfeitos dos cinco frades menores, não hesitou em pedir algo que andava a remoer no seu íntimo, já há algum tempo, e que iria causar um certo burburinho: trocar o mosteiro de Santa Cruz pela ermida de Santo Antão dos Olivais.

Santa Cruz de Coimbra era o maior centro cultural do reino de Portugal, onde Fernando se tinha formado, tornado sacerdote e um cónego exemplar e culto.

No auge do seu *curriculum* de monge e sacerdote, Fernando deixou para trás o nome escolhido pelos pais, os títulos académicos alcançados nos mosteiros de Lisboa e Coimbra e iniciou uma nova aventura no eremitério, sito fora do perímetro da cidade universitária de Coimbra.

O seu desejo era ser missionário, ao jeito daqueles frades simples, mas autênticos e jubilosos que tinha encontrado no átrio de Santa Cruz. O martírio (fruto também da ingenuidade franciscana) não assustou o jovem lisboeta, motivado pelo anseio de radicalidade evangélica. Uma radicalidade, até então, estudada nos livros, mas ainda não experimentada no dia a dia. Na colina *extra muros* dos Olivais, Fernando despe a alba monástica e veste uma túnica simples, semelhante ao traje dos camponeses e peregrinos do seu tempo; revestido de uma nova identidade com o nome do santo eremita do deserto, António, inicia um tempo de noviciado, vivido na prática da vida fraterna, penitencial e itinerante.

Mas no jovem António não tinha adormecido o sonho missionário!

Devia ser tão teimoso que conseguiu deixar para trás Coimbra (como tinha deixado para trás Lisboa) e chegar a Ceuta, na África magrebina. Mas a doença e uma viagem aventurosa afastaram-no quer do sonho missionário, quer da sua terra natal, Portugal. Em 1221, por altura da festividade do Pentecostes, António aparece em Assis no Capítulo Geral (que podemos definir como a grande jornada da juventude dos frades de toda a Europa de então), mas António é, ainda, um ilustre desconhecido.

Sete anos mais tarde, a situação é totalmente diferente: o frade lusitano ocupava entre os Frades Menores um lugar eminente e visível. Podemos afirmar isto, não apenas pelo sucesso da sua pregação e das aulas de teologia aos frades, no sul da França, mas sobretudo porque António foi escolhido como ministro provincial para o norte de Itália e membro da delegação que, em 1230, foi enviada ao Papa Gregório IX para pedir esclarecimentos canónicos sobre o valor do Testamento do Seráfico Pai Francisco e sobre alguns pontos da Regra que causavam discussões acesas no seio da Ordem franciscana.



Retrato de Santo António na sacristia da Igreja / Convento de Santo António dos Olivais, Coimbra.
À esquerda: Escadaria da mesma Igreja. Fotos MSA 2020.

Depois da canonização de São Francisco, o lisboeta é um dos primeiros santos dos inícios da epopeia franciscana. E não foi graças a Francisco que se converteu à vida minorítica, mas sim graças ao martírio daqueles cinco frades que queriam converter o mundo islâmico: afinal, perderam a cabeça, mas conquistaram para as suas fileiras o santo mais amado no mundo cristão e mais venerado entre os muçulmanos.

1. De qual António falamos?

António foi o primeiro mestre de teologia na Ordem franciscana, deixando uma obra notável (três volumes dos *Sermões Dominicais e Festivos*) que constitui uma verdadeira mina de doutrina teológica e espiritual, quase uma síntese da tradição patrística do primeiro milénio cristão. Infelizmente, ainda hoje, esta obra é praticamente ignorada mesmo por parte dos licenciados em teologia, para já não falar do povo de Deus.

É preciso, portanto, lançar uma ponte entre as pesquisas dos historiadores e os agentes pastorais de modo a encaminhar a devoção popular dentro da tradição da espiritualidade cristã.

A título de exemplo: fora de Portugal há sectores da Igreja e da pastoral juvenil a destacar a figura de Santo António nos programas de preparação para a ***Jornada Mundial da Juventude 2022****. E por cá? Não basta orgulharmo-nos dizendo que Santo António é um dos santos propostos para a JMJ de Lisboa, é urgente perguntarmo-nos antes que chegue 2022: "qual António?". O dos casamentos e das sardinhas? Para além do folclore e da tradição popular, há um outro António que precisa ser resgatado.*

O Papa São Paulo VI alertava que a religiosidade popular "é frequentemente permeável à penetração de muitas deformações da religião e até de superstições. Fica, muitas vezes, ao nível de manifestações culturais sem empenhar uma autêntica visão de fé" (cf. *Evangelii nuntiandi*, n. 48).

Na atmosfera de uma renovada evangelização ou de "conversão missionária da pastoral" de que fala o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, que procura redescobrir as riquezas esquecidas do património cristão, somos chamados, como os sábios escribas do Evangelho, a retirar do cofre "coisas novas e coisas velhas" (cf. Mt 13,52).

Também os tempos em que viveu António não eram fáceis para a Igreja: abuso de poder, heresias e corrupção, guerras e inimizades afligiam a cristandade. Todavia, a sua palavra e os seus ensinamentos, mesmo na severidade das reprimendas, não conhecem sombra de desânimo, mas são ocasião de esperança e convidam à conversão, quer dizer à vida nova que confia na infinita misericórdia de Deus.

2. A QUESTÃO ANTONIANA

O consenso de que António goza, podemos dizer desde sempre, no meio do povo cristão, como atestam as fontes hagiográficas, nem sempre encontrou o mesmo entusiasmo entre os estudiosos do franciscanismo. Não faltaram os que criaram oposição entre São Francisco e Santo António: este último, para Paul Sabatier, representaria uma "imensa queda" em comparação com Francisco e a distância entre os dois poderia ser comparável à de Jesus e São Paulo. O primeiro encarnaria o livre carisma da radicalidade evangélica, enquanto o segundo seria o representante da restauração institucional operada pelo papado para com a Ordem franciscana.

Esta interpretação foi corrigida por Raoul Manselli que numa intervenção lúcida afirmou:

> *A divergência em termos de forma e modos da pregação, que tinha aparecido tão viva e clara e que Sabatier tinha definido injustificadamente como uma imensa queda, é apenas aparente, revelando, aliás, no plano do contexto histórico e da realidade viva da Igreja, uma continuidade plena e uma convergência de ideais, que explicam a admiração e o afeto das primeiras gerações franciscanas para com Santo António que levam ainda hoje o estudioso a considerá-lo não só uma personalidade de relevo, mas sobretudo uma figura essencial e decisiva na afirmação do movimento minorítico.*



São Francisco de Assis e Santo António, óleo sobre madeira de carvalho. Mestre da Lourinhã, trabalho Luso-Flamengo, 1º terço do século XVI. Museu Nacional de Arte Antiga. Foto MSA 2020, na exposição temporária "De Fernão se fez António", patente no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, durante o Jubileu 2020.

Falou-se também de um Santo António promotor de um franciscanismo *sui generis*, como se ele fosse o fundador dos "frades antonianos" e não, como o apresenta a tradição mais autêntica, o *socius* mais fiel do *Poverello*, o imitador do pai Francisco, apesar "da óbvia diversidade das personagens, das culturas e das qualidades humanas".

Para resolver esta questão tão debatida, podem percorrer-se dois caminhos: o primeiro é estudar a imagem de António que as Fontes Franciscanas nos transmitem. O segundo é fazer o balanço sobre a pesquisa historiográfica atual que esclareceu muitas disputas entre o franciscanismo primitivo e a passagem da fraternidade das origens para uma Ordem estruturada, capaz de responder às urgências pastorais da época. Neste contexto, o papel de António, sobretudo depois da morte de Francisco, aparece como determinante.

A imagem de António nas *Fontes Franciscanas*

A imagem do *pregador* é, sem dúvida, aquela que mais caracteriza a presença de António. De quinze citações que as Fontes Franciscanas lhe reservam, nove referem-se a esta função. Assim, por exemplo, na *Vita Prima* do Celano, escrita por volta de 1229, quando António ainda era vivo, afirma-se que "Deus lhe deu a inteligência das Sagradas Escrituras e o dom de pregar Cristo ao mundo inteiro com palavras mais doces do que o mel". Na *Vita Secunda*, o Celano mostra que houve uma evolução no pensamento franciscano relativamente aos pregadores, considerados cada vez mais importantes para as finalidades da Ordem, como aparece na comparação entre o capítulo 17 da *Primeira Regra* (onde a função do pregador é aceite com muito cuidado) e o capítulo 9 da *Segunda Regra* que afirma: "Também admoesto e exorto os meus irmãos a que, nos sermões que fazem, seja seu falar ponderado e casto (Sl 11, 7; 17, 31), edificante e útil ao povo, denunciando os vícios e inculcando as virtudes, o castigo e a glória em sermões pequenos, porque também o Senhor fez alocuções breves sobre a terra (Rm 9, 28)".

O papel de pregador assumido por António nunca é considerado em contraposição aos ensinamentos de Francisco, mas antes em fiel obediência ao mandato recebido. A este propósito há que aludir a dois episódios: o primeiro tem a ver com o início da pregação de António na cidade de Forlì, onde ele toma a palavra, contra a sua vontade, por obediência (cf. Assidua, cap. 9); o segundo é constituído pela chamada investidura conferida por Francisco, que autoriza António a ensinar a sagrada teologia aos frades:

> *Ao irmão António, meu bispo, o irmão Francisco envia saudações. Tenho gosto que ensines aos irmãos a sagrada teologia, desde que, com o estudo, não se extinga neles o espírito da santa oração e devoção, como está escrito na Regra.*

Este bilhete, reconhecido como autêntico, por todos os especialistas, foi escrito entre o final de 1223 e o início de 1224, durante a estadia bolonhesa de Santo António e antes da sua atividade em território francês. Aqui acontece o ponto de viragem decisivo que transforma o nosso Santo em pregador itinerante e primeiro mestre de teologia da Ordem franciscana. Esta viragem não foi uma rotura com os ideais primitivos da Ordem, mas uma orientação que respondia às necessidades pastorais do momento histórico e eclesial, tal como já havia acontecido com os contemporâneos frades dominicanos.

A função confiada pelo próprio Francisco abriu a António o caminho para responsabilidades cada vez mais significativas: primeiro como *leitor de teologia*, depois como custódio na França, finalmente ministro da província da Lombardia.

Para além do bilhete que o autorizava a ensinar teologia, há outros elementos que confirmam a convergência de propósitos entre Francisco e António.

As *Fontes Franciscanas* falam várias vezes do episódio da aparição de Francisco durante o capítulo de Arles, enquanto António pregava aos frades sobre o tema da cruz. Tal episódio, origem de famosos quadros pictóricos, é interpretado como o carimbo de aprovação da preparação dos frades para a pregação, formados por homens sábios e santos, como António de Lisboa.

Também na *Legenda Maior de São Boaventura*, António é apresentado como "verdadeiro arauto" de Francisco, sobretudo pela sua função de pregador. E nas *Florinhas* a imagem de António como *pregador da igreja* é a que mais se afirma, fazendo confluir tradições de fontes anteriores, como o sermão de António aos peixes e o sermão diante do Papa Gregório IX que o proclamou "arca do testamento".

António torna-se uma pessoa aceite e estimada por todos, como o atesta o seu papel no capítulo geral de 1230, onde António, procurando ser mediador entre as partes, é designado como membro da delegação que vai ser enviada ao Papa para enfrentar o tema quente da interpretação da Regra e do Testamento de São Francisco.

3. As fontes antonianas

Graças ao paciente e indispensável trabalho do Frei Virgílio Gamboso (OFMConv), para a tradução italiana (Pádua 1981) e do frei Henrique Pinto Rema (OFM), para a tradução portuguesa (Lisboa 1996), temos agora a possibilidade de aceder com facilidade à inteira hagiografia antoniana mais antiga, do século XIII até ao fim do século XIV. Ela aparece assim articulada:

- Vida primeira de Santo António ou Legenda *Assidua* (cerca de 1232);
- Giuliano da Spira, *Ofício rítmico* e *Vida segunda* (cerca de 1235 e 1240);
- Vida do *Dialogus* e *Benignitas* (cerca de 1246 e 1280);
- Vidas *Raymundina* e *Rigaldina* (1293 e 1300);
- *Liber miraculorum* (1369-1374);
- Testemunhos menores sobre Santo António (séculos XIII-XIV).

O esquema biográfico retirado das fontes antigas tem uma estrutura que permanece praticamente inalterada a partir da *Assidua* e que se pode resumir com as palavras de Cláudio Leonardi:

> *A vida de António é disposta com clareza em três fases. O período português (teria nascido por volta do ano de 1195) aparece dedicado ao estudo e à procura espiritual e íntima de Deus e culmina na conversão ao franciscanismo (1220), devida não ao fascínio pessoal de Francisco, mas ao desejo do martírio, a partir do exemplo dos mártires franciscanos de Marrocos. O segundo período, situado entre o fracasso da viagem a Marrocos (1220) e a descoberta em Forlì do seu talento de evangelizador (1222), é uma época de silêncio, de simplicidade e de humildade, que culmina com uma mudança de condição, de meio-eremita a homem público. O terceiro período é o triunfo da sua pregação, que culmina no recolhimento dos últimos trinta dias em Camposampiero e por fim em Arcella, onde no leito da morte (13 de Junho de 1231) ousa dizer – é mesmo preciso dizer "ousa" – quase hereticamente: "Vejo o meu Senhor" (Assidua 17,12) e "Aquele santo óleo, com que me ungis, já o tenho dentro de mim" (Assidua 17,14).*

A imagem de António que brilha como luz de fundo nestas três fases da vida é a de uma pessoa que fez uma profunda experiência mística de Deus, ciosamente por ele guardada como um segredo.

António deixou-se conduzir cegamente por aquele Deus que experimentou no seu íntimo. Percebe que não deve tomar iniciativas, nem a do martírio.



Menino Jesus aparece a Santo António, foto Messaggero di Sant'Antonio | Deganello Giorgio, 1995. **À direita**: Santo António de Pádua, Pinacoteca dei Canonici, Pádua, foto Messaggero di Sant'Antonio | Deganello Giorgio, 1995.

Chega assim o momento de pregar aos outros, de comunicar o que aprendeu na contemplação, mas fá-lo por inspiração divina, quase que obrigado a falar e a deixar o sossego do eremitério para se dedicar inteiramente à pregação. Como acontece com os grandes místicos, "António está totalmente inserido na realidade do seu tempo, ele que estava completamente imerso na realidade divina".

A pregação de António destinava-se à conversão dos cristãos, em conformidade com o projeto de reforma eclesial do IV Concílio de Latrão, de 1215, assumido pelo movimento franciscano. Não sabemos com exatidão em que língua pregava o Santo: nenhum estenógrafo guardou, por exemplo, o seu quaresmal paduano de 1231, mas podemos com certeza retirar dos seus escritos os temas em que fundamentava a sua pregação. A intenção era reconduzir os cristãos à coerência da fé, por isso convidava o povo e o clero à penitência e à conversão, fustigando os vícios e os desvios e insistindo de maneira particular sobre a necessidade da confissão sacramental. Alguns episódios das biografias, como a luta contra os usurários, são confirmados pelas páginas dos Sermões dedicadas a esta praga social, assim como a denúncia da vida corrompida dos prelados e religiosos.

4. Os Sermões

Graças ao testemunho concorde das primeiras biografias, a redação final dos *Sermões Dominicais* terá acontecido em Pádua: trata-se de 53 sermões, mais 4 para as festas marianas; a estes acrescentam-se 20 sermões festivos, num total de 77 sermões.

Discutiu-se muito sobre a época e os lugares onde os *Sermões* foram escritos. Hoje parece posta de lado a tese radical de Raoul Manselli, segundo a qual teriam sido compilados em Coimbra, quando António era ainda cónego regrante.

Quer pelos comprovantes externos, quer pelos relativos aos tempos litúrgicos, é claro que a redação dos sermões dominicais começou em 1224, com toda a probabilidade em Bolonha, e continuou até 1227, quando da França António regressou à Itália e ficou em Pádua. Aqui teria realizado a redação final.



A obra dos Evangelhos, como ele a chama, é fruto de um duplo trabalho do Santo: ao mesmo tempo académico e pastoral. *Os Sermões* não são uma coleção das pregações pronunciadas por António, mas constituem um repertório à disposição dos pregadores, onde fez confluir o material escolar das suas aulas de teologia aos frades e os temas principais das suas pregações ao povo. São, portanto, um trabalho de escritório que devia servir de manual para preparar os sermões que os irmãos deviam pregar diante da assembleia.

Conforme as palavras do Santo, ele quis construir "uma quadriga espiritual", procurando combinar três elementos do Missal (introitos, epístolas e evangelhos) e a leitura bíblica do Breviário correspondente aos vários domingos e festas do ano litúrgico. Trata-se, portanto, de um guião para a pregação estreitamente ligada à liturgia.

A falta de sistematicidade é plenamente justificada pela índole oratória dos *Sermões* e ao mesmo tempo explica a razão pela qual a obra de António tenha caído num "rápido esquecimento", quando, na segunda metade do século XIII, as exigências formativa das Ordens religiosas e dos estudos universitários exigiam "uma sólida categorização racional, adquirida no contacto com as obras aristotélicas, há pouco restituídas à fruição dos estudiosos latinos, e com a superior cultura cientifica árabe.



Santo António, Bernardo Strozzi, sec. XVII, Museu Civico Ala Ponzone. Wikimedia Commons | foto Saiki, 2016

A transição da teologia agostiniana e monástica para a escolástica, marcou de forma irremediável o declínio da presença da obra de António dentro da Ordem franciscana".

Só depois da proclamação de António como doutor da Igreja, em 1946, foram retomados os estudos e a análise dos seus escritos, sobretudo com a edição crítica do texto em latim (1979) e os vários congressos que se sucederam em Portugal e Itália, de 1981 aos nossos dias.

Justamente foi realçado que, entre todos os sermonários do século XIII, o de António apresenta-se com uma originalidade única, sendo totalmente embebido de seiva bíblica, com mais de 6000 citações, implícitas ou explícitas, da Sagrada Escritura.

A palavra revelada inspira todas as suas reflexões e, neste sentido, António é extremamente atual porque põe em primeiro lugar a Palavra de Deus.

Para além do primado da Palavra, nota-se nele a constante preocupação pastoral e sacramental e o hábito de concluir as várias partes do sermão com breves preces que sintetizam o fruto espiritual da exposição feita. Este estilo de *lectio divina* orante, articula-se num conjunto de passagens que mantêm uma grande atualidade.

Depois da renovação dos estudos bíblicos e da prática pastoral operada pelo Concílio Vaticano II, estamos em condições, hoje, de apreciar melhor a novidade e a atualidade do método e do pensamento de António. É um método muito diferente do histórico-crítico que domina a exegese científica do nosso tempo, mas talvez mais útil para ajudar o crente a penetrar o mistério da fé cristã.

5. Conclusão

Nada poderá substituir o fascínio de uma leitura direta do texto original dos *Sermões* ou da sua tradução em língua portuguesa, embora o primeiro impacto possa resultar difícil. Uma forma de ultrapassar essa dificuldade é lendo a excelente introdução aos *Sermões* na edição crítica do frei Henrique Pinto Rema que dedicou toda a sua vida ao Santo lusitano.

Se há uma mensagem que ecoa com força nos Sermões, é a do primado de Deus e da sua Palavra. É sobretudo disto que hoje precisamos e que António não se cansa de repetir em cada uma das suas página. Vícios e comportamentos morais desviados havia na idade média e há na nossa sociedade, mas a época moderna acrescentou uma dimensão dramática, a da "secularização" que D. Bonhoeffer descreveu profeticamente com estas palavras:

> *O movimento na direção da autonomia do homem (entendo com isto a descoberta das leis segundo as quais o mundo vive e se basta a si mesmo na ciência, na vida da sociedade e do estado, na arte, na ética e na religião), que tem início (não quero entrar na discussão sobre a data certa) no século XIII, alcançou no nosso tempo uma certa plenitude. O homem aprendeu a bastar-se a si mesmo em todas as questões importantes sem o auxílio da hipótese de trabalho: Deus.*

O homem de hoje está só no mundo e vive convencido que "tudo funciona mesmo sem Deus". Mas, vinda do século XIII, chega-nos a voz de António que continua a anunciar a presença de Deus e de Jesus Cristo "no centro da vida humana". Ele fez uma experiência de Deus tão profunda que a mesma o marcou para sempre. Também os homens do nosso tempo precisam fazer uma genuína experiência pessoal de Deus: "o cristão do futuro será um místico ou deixará de existir".

Neste sentido, António é mais do que nunca atual. ■

- P. SABATIER, *Vie de St. François d'Assise*, Paris 1904
- R. MANSELLI, *Sant'Antonio e la prima predicazione francesca*na, "Il Santo" 8 (1969)
- C. LEONARDI, *L'Antonio delle biografie*, in "Vite" e Vita di Antonio di Padova
- Outra Bibliografia em https://santoantonio.live



Novo vídeo em dia de Santo António

Por ocasião dos 800 anos da vocação franciscana de Santo António, a comunidade dos frades menores conventuais que hoje continuam o legado daqueles primeiros frades que neste mesmo local acolheram Fernando para se tornar António, apresentam, num vídeo de oito minutos, um resumo da vida e do espírito que animou António e continua a dinamizar a comunidade de Santo António dos Olivais, em Coimbra.

Assim começa o Frei Domingos, atual pároco:

Estou em Santo António dos Olivais há quinze anos. Quando aqui cheguei encontrei uma comunidade dinâmica, viva, sentia-se um grande trabalho já feito, tanto pelos leigos como pelos frades.

No alto desta colina, antigamente fora de portas, na periferia da cidade, ainda se sente a presença viva de António que, apesar de aqui ter permanecido apenas alguns meses, mudou para sempre a configuração deste local.

Aqui acorrem pessoas vindas de todo o mundo à procura de orientação, consolo e luz para os caminhos, nem sempre fáceis, da vida.

Pessoas de todas as condições e idades, aflitas ou agradecidas, doentes ou curadas, desempregadas ou com trabalho, desorientadas ou jubilosas, desesperadas ou reconciliadas.

Procuram e encontram o amor, a felicidade e a paz.

Como diz a Catarina no vídeo:

Tudo é vivido com uma alegria genuína e eu acho que isso faz a diferença nas pessoas.

O vídeo é um contributo para que os paroquianos e os peregrinos vivam com alegria a graça do Jubileu.

Nós, cristãos, nós frades, somos chamados a amar estas pessoas, todas elas indistintamente, como Deus as ama, porque filhos... Mas podemos trabalhar pela promoção social, pela ajuda dos últimos, dos pobres, dos marginalizados... há um mundo de trabalho que podemos fazer com este mundo! Este mundo é o lugar onde Deus vive. Neste mundo queremos jogar a nossa vida.

O vídeo estreia, no dia 13 de junho de 2020, às 21:15, em https://santoantonio.live.



Jovens...
e os santos da *Christus Vivit*
4. Santo Jovem
Beato Andrew Phû Yên

Luís Leal

Este é o mês dos Santos Populares (Santo António e S. João) e dos bailaricos, de S. Pedro e S. Paulo; mas, uma vez que a pandemia não nos permite tais folias, que tal se fôssemos até ao outro lado do mundo ao encontro do jovem Beato André, primeiro mártir do Vietname?

Beatificado por João Paulo II, a 5 de março de 2000, André nasceu na província vietnamita de Phú Yên, em 1625/1626, e foi batizado aos 15 anos de idade pelo missionário jesuíta Pe. Alexandre de Rhodes. Este, reconhecendo o bom coração e a inteligência do jovem, imediatamente fez dele um dos seus mais próximos colaboradores. Assim, e após um ano de formação, o Pe. Alexandre convida o jovem André a tornar-se membro da associação de catequistas "Maison Dieu" ("Casa de Deus"), por si fundada. Uma das características desta associação era o "juramento" que os seus membros faziam em ordem a uma dedicação plena e definitiva ao serviço da evangelização. André aceitou tal desafio ao fazer o seu voto de castidade, a 31 de julho de 1643.

Aquele era um período em que o Cristianismo e a ação evangelizadora dos Jesuítas eram alvo de duras perseguições por parte das elites chinesas. O Pe. Alexandre acabou por receber ordem de expulsão do país, em julho de 1644, às ordens de Ong Nghe Bo, um alto funcionário chinês incumbido pelo rei de Annam de travar a expansão do Cristianismo entres os habitantes chineses daquela região de Cochim. Mas, em vez de fugir, o Pe. Alexandre foi visitar o governador e depois dirigiu-se para a prisão, para prestar auxílio a um seu companheiro catequista, muito idoso, que, entretanto, já havia sido capturado. Ao mesmo tempo, a sua casa era alvo de buscas pelos soldados do mandarim, que procuravam outro seu companheiro jesuíta. Contudo, e dado que este havia partido em missão, os soldados acabaram por encontrar, amarrar, espancar e prender o jovem André, levando-o para o palácio de Ong Nghe Bo.

A 25 de julho de 1644, na presença do mandarim, André resiste às ameaças e tentativas de o fazer abjurar, respondendo que estava mais preparado para suportar qualquer sofrimento do que para renegar a Lei de Deus. O governador acabou por o voltar a prender e condenar à morte. Assim, a 26 de julho de 1644, o jovem André é levado para fora da cidade de Ke Cham, fazendo um verdadeiro "caminho do Calvário" de que foram testemunhas o próprio Pe. Alexandre, bem como muitos outros cristãos e até pagãos, rendidos à inflexibilidade, coragem e tranquilidade com que André enfrentava a morte.

Quando estava prestes a ser decapitado, ainda conseguiu gritar o nome de Jesus... Assim terminava, aos 19/20 anos, a vida deste jovem totalmente apaixonado e dedicado à catequese e à formação de novos cristãos.

João Paulo II, no dia seguinte à celebração da beatificação de André de Phú Yên e de mais 43 mártires, diria aos peregrinos que acorreram a Roma por aqueles dias:

> *O Beato André, cujo zelo ardente permitiu que o Evangelho fosse proclamado, arraigado e desenvolvido, dê a todos os catequistas a audácia de serem autênticas testemunhas da fé, através duma vida inteiramente dedicada a Cristo e aos irmãos!*

Como curiosidade, também neste mês (dia 1), outra cidade vietnamita (Hung Yen, na região do Tonquim) faz memória de um outro mártir: São José Tuc (1843-1862), jovem agricultor que, no tempo do imperador Tu Duc, foi preso e torturado várias vezes, desta feita por se recusar a calcar a cruz, acabando por morrer degolado... "Sangue de mártires é semente de cristãos". ■

M@ve-te!



Para ver e pensar
Cinema e Evangelização

Continuando com propostas culturais que não te obriguem a desrespeitar qualquer regra de confinamento, este mês proponho-te esta iniciativa das Edições Salesianas (https://www.salesianos.pt/categoria/estamos-contigo/vive/).

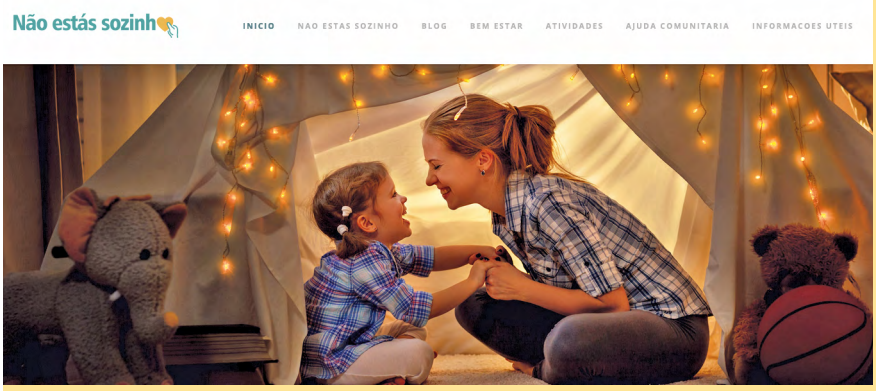
Como o nome indica, trata-se de uma proposta "que reúne sugestões de filmes com potencial educativo.

Ou seja, ao abrires o *site* ou a página do *Facebook* daquela Editora, vais encontrar uma lista (*playlist*) de introduções / comentários a vários filmes que "ajudam quem os vê a pensar sobre a forma como funcionamos em sociedade e quais os valores que nos guiam".

Neste tempo tão diferente, novo (e mesmo algo estranho) em que "as rotinas mudaram e há muitas perguntas no ar", os responsáveis daquela Editora (o rosto e a voz dos comentários e introduções é do Padre Rui Alberto, perito em Pastoral Juvenil) consideram que o cinema pode ser (é verdadeiramente) essa "oportunidade educativa para nos questionarmos enquanto cristãos e cidadãos do mundo".

Por isso, já sabes: se gostas de (bom) cinema, em junho ***m@ve-te (sem sair do sofá) com este cinema que faz pensar!***

Lig@-te!



Não estás sozinh@

Esta podia ser apenas mais uma daquelas frases que, nos últimos tempos, mais temos repetido àqueles que têm precisado de uma palavra de estímulo e de esperança... mas a Alexandra Teixeira, criadora desta "plataforma agregadora de recursos, para superarmos este período cheio de desafios" decidiu dar-lhe um novo conteúdo. Assim, neste seu site (https://naoestassozinho.weebly.com/) poderás encontrar, acima de tudo, um "espaço de partilha de ideias, recursos e diversas informações que possam ajudar todo e cada um de nós a superar este momento de recolhimento e distanciamento social".

Aqui encontrarás dicas de bem-estar (físico, espiritual, alimentação...), atividades (culturais, formativas e até sugestões para os mais novos), assim como exemplos de iniciativas locais de interajuda comunitária com as quais podes entrar em contacto e assim dar o teu contributo. Estão também disponíveis informações sobre teletrabalho, convívios virtuais, ciber-segurança, um espaço de informações úteis sobre o COVID-19 e um elenco de "Plataformas que promovem o encontro entre oferta e procura de trabalho".

Como vês, não te faltam bons motivos para, em junho, ***te lig@res ao "Não estás sozinho"***! Acredita!

Atenção à dor

Frei Danilo Salezze

Santo António deve a sua popularidade, durante a vida e na Glória, ao facto de sempre ter acompanhado com atenção as diversas situações humanas de precariedade; um contemplativo em contacto direto com a vida.

Fiquei impressionado com algumas pinturas de *ex-votos*, simples e singelas, num santuário antoniano da minha terra, nas quais o Santo intervém poderosamente numa altura crítica, numa doença ou em situações desesperadas, como se ele fosse o permanente "santo de sentinela", sempre pronto para ajudar, tal como o adulto que segue com cuidado os passos da criança. A sua intervenção graciosa parece até antecipar os pedidos de ajuda. De tal forma que surge uma certeza, juntamente com a devida gratidão a Deus, resumida na frase: "Aqui esteve Santo António". E nós, frades, sabemos por experiência que isso é verdade.

Nesta primavera de 2020, terça feira à noite, os frades da Basílica acompanharam a imagem de Santo António até à praça, para que ele pudesse contemplar mais de perto não só a cidade que ele ama, mas o mundo inteiro: trata-se de uma espécie de abanão singelo ao Santo, para ele intervir neste grave momento de pandemia – apesar de termos a certeza de que ele já o está a fazer, sobretudo através da consolação dos corações – e para que não nos perca de vista nem por um momento, ele que foi testemunha de como "Jesus Cristo, com o seu olhar misericordioso, fixa a humanidade doente". E que o mundo inteiro está "doente" é uma evidência que deve ser assumida para que possa haver uma conversão de pensamentos e de projetos a nível global.

O Papa Francisco pediu aos católicos para participarem ativamente no dia de oração, de jejum e caridade, a 14 de maio, em comunhão com todas as religiões, para que o mundo seja libertado do coronavírus. *Estamos todos no mesmo barco* – tinha dito o Papa Francisco – lembrando-nos novamente o "Espírito de Assis", que vai além das crenças e das culturas e que nos é tão querido, porque é condição de continuidade da vida da Criação.



Ex-voto a Santo António. Óleo s/ madeira, autor desconhecido, sec. XIX, MA.PIN.0038. Museu de Lisboa - Santo António, proveniência Igreja de Santo António de Lisboa.

É necessário um novo caminho de consciencialização: A COVID-19 causará muito menos vítimas do que os abortos, a fome e as suas consequências, a devastação das florestas, os bombardeamentos contra civis inocentes na Síria e em tantas outras partes do mundo. A cidade de Manaus, coração dos povos da Amazónia, acrescenta nestes dias outras mortes às muitas que a escravatura desumana dos mais pobres já tinha na sua consciência.

Cristo *dirige o seu olhar para este mundo doente*, está profundamente envolvido nele, sofre pelo homem, não está apenas tomando nota dos problemas humanos, à distância, preparando castigos, como alguns "profetizam" e quase desejam.



Jesus Cristo, com os olhos da sua misericórdia,
fixou intensamente o género humano doente
e este foi o sinal da nossa salvação;
aproximou-se de nós,
tomou sobre si a nossa enfermidade,
subiu à cruz e, ali, no fogo ardente da sua paixão,
apagou e destruiu os nossos pecados.

Santo António, *Ladaínhas ou Rogações*, 2

Santo António diria que sendo muitos os inocentes que já sofreram, porquê então outros mais? *Cristo fixou o seu olhar*, tornou sua a miséria humana, não se envergonhou dela. António coloca diante de nós a *teopatia*, isto é, a compaixão de um Deus que não pretende ser obedecido, embora seja sempre compulsivamente obediente, perante a necessidade humana de misericórdia e de perdão.

Mas por que é que é tão difícil "curar-se" a si próprio e cuidar daqueles que vemos sofrer?

Fixar o olhar é importante, mas não é suficiente: *Cristo veio até nós e tomou sobre si a nossa enfermidade, subiu à cruz...* Sem esta aproximação, desprovida de preconceitos e "considerações" que todos temos, a doença, nossa e dos outros, continua a ser maldita e definitiva.

Toco esta realidade com a mão quando o João partilha comigo a sua desgraça, ele que esbanjou tudo em drogas e agora, em tempos de pobreza redobrada, já não tem recursos para viver. O mesmo me dizem a Paula e o seu bebé, agora que uma grave doença os separa, depois de tanto esforço para se salvarem juntos. Comprova-o, ainda, Mateus que continua a sentir-se incapaz de se reintegrar numa sociedade exigente e às vezes má e, também, o Alfredo que, simplesmente, não entende mesmo nada!

A *teopatia*, o sentimento de compaixão de Deus pelo nosso mal, mostra-nos novos caminhos, de modo que o lema destes dias (*Tudo vai ficar bem*) não se transforme numa frase ingénua e sem sentido.

Mas se Cristo fixa o seu olhar sobre a nossa dor, porque não a resolve de uma vez? Nestes dias de igrejas abertas, mas sem celebrações, percebemos que Deus nunca se afasta de nós; pelo contrário, terá prestado mais atenção às salas de reanimação e aos esforços dos profissionais de saúde; terá preenchido vazios dramáticos nas famílias afetadas pela pandemia; não suspendeu a atividade, aguardando que chegasse a dita fase 3 da quase normalidade. Cristo está a viver em nós a sua paixão permanente, a "normalidade" para Ele consiste em expor-se na cruz por nós "doentes" de coronavírus e de tantas outras doenças. Nesse ***por nós*** está toda a felicidade de Deus e a nossa também. ■

COIMBRA 1220-2020
JUBILEU DOS MÁRTIRES DE MARROCOS E SANTO ANTÓNIO

O milagre da família

Edoardo e Chiara Vian

Santo António manifestou uma grande solicitude e carinho pelas famílias. No mês de junho, por ocasião da sua festa, queremos escrever sobre esta faceta de António.

Tomaremos como pano de fundo três frescos que se encontram no *Santuário da Nogueira*, em Camposampiero, perto de Pádua. A graciosa igrejinha surgiu no local onde, segundo reza a tradição, havia uma nogueira, sobre a qual tinha sido construído um refúgio que permitia ao Santo retirar-se para rezar e descansar. Os frescos recordam três milagres do Santo.

O primeiro milagre refere-se a um acontecimento particular. O marido tinha acusado publicamente a esposa de ter dado à luz um filho que não era seu. Neste caso, Santo António consegue deslindar a disputa familiar, pedindo ao próprio recém-nascido para indicar quem era o pai e o pequeno aponta precisamente para o homem que duvidava que fosse o pai.

Neste episódio, o Santo ajuda a repor a verdade onde havia uma distorção da mesma. É evidente que este homem tinha feito juízos incorretos, talvez porque se sentisse inseguro, talvez porque achasse que o filho não se parecia com ele ou outra coisa qualquer, mas o certo é que cometeu o erro muito comum de confundir as próprias percepções com a realidade, transformado uma suposição numa verdade.

Não nos acontece também a nós pensarmos que a esposa ou o marido não nos ama, que os filhos nos odeiam, que todos nos enganam, mas será que estas nossas suposições correspondem à verdade? Muitas vezes os casais acusam-se reciprocamente que o outro não se importa com o seu bem, sem se preocuparem que talvez o parceiro esteja igualmente em dificuldade. É claro que nós medimos as coisas a partir da nossa visão do mundo, mas não devemos confundi-la com a verdade: apesar de acreditarmos sinceramente nalguma coisa (como aquele homem em relação ao filho), isso não significa que tal seja verdade (como, efetivamente, o Santo depois demonstrou).

O segundo milagre representa a cura do pé de um jovem. Este jovem, depois de ter confessado ao Santo que tinha dado um pontapé à mãe, ouviu como resposta que teria sido melhor cortar o pé causador de tamanho pecado. O jovem entendeu as palavras à letra e, uma vez chegado a casa, cortou o pé. Então a mãe, apesar da ofensa recebida do filho, foi ter com António para ele resolver os efeitos do excesso de zelo do jovem.





Neste caso, o quadro realça um outro tipo de reconciliação familiar: um jovem fogoso que vive de forma exaltada as suas emoções e uma mãe humilhada que o salvará. Com o milagre do pé curado, Santo António está a indicar-nos que, nos conflitos familiares, a questão central não é a punição, de si próprio ou do outro, mas a misericórdia; a solução não é apontar ou guardar as ofensas recebidas, mas reconciliar-se com o outro e começar de novo, com amor, uma e outra vez. Amar é regenerar infinitas vezes o nosso relacionamento ferido.

O mesmo acontece com o Pai quando nos reconciliamos: Ele pede-nos para cortarmos em nós aquilo que nos leva ao mal e diz-nos que, como filhos perdoados, podemos colocar de novo a veste gloriosa do amor.



António, protetor da família,
que tantas vezes, ao longo da sua vida,
intercedeu em favor da união, da paz
e da reconciliação dos seus membros

O último milagre é o sermão aos peixes. Na cidade de Rimini, os habitantes não queriam ouvir o anúncio evangélico que António proclamava.

É o que acontece connosco: quantas vezes, como casal, sentimos que não somos escutados pelo marido, pela esposa, pelos filhos ou pelos pais? E quantas vezes, por outro lado, não sou eu o primeiro a não prestar atenção ao outro e não porque não me interesse o que ele está a dizer, mas porque estou distraído ou ocupado com outras coisas? O santo, que é um admirável pregador, não se chateia nem grita contra aqueles que não o escutam, mas, simplesmente, muda de destinatários e, ao pregar aos peixes que se reuniram para ouvir as suas palavras, ganha também a atenção dos habitantes da cidade.

Se a Clara (ou o Eduardo) não me ouve porque está ocupada noutra coisa, é inútil insistir, pois só sou vou piorar a situação. O melhor será virar-me para outra coisa, talvez "para o alto", esperando outra oportunidade para me fazer ouvir. A paciência é a outra face do amor: o outro não está disponível sempre e só para mim.

Santo António obrigado pelo teu testemunho e pelo teu amor à família. Continua a interceder, junto do Pai da misericórdia, por todas as famílias, especialmente aquelas que experimentam o cansaço e a divisão. ■

1. O milagre do recém nascido; **2.** O milagre do pé; **3.** Santo António prega aos peixes. Girolamo Tessari, chamado Do Santo, sec. XVI, Santuário da Nogueira, Camposampiero. Giorgio Deganello | Arquivo MSA.

Livros

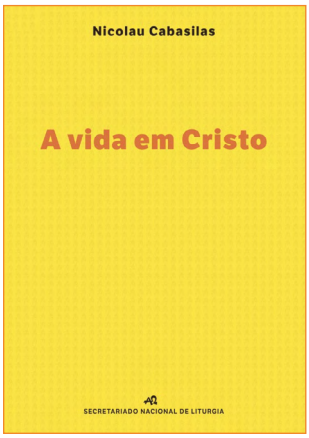
Rui Pedro Vasconcelos

A VIDA EM CRISTO

"**O perfume do Espírito** exala copiosamente e enche tudo, mas não o pode receber quem não tem olfato". "A vida presente é a oficina desta preparação". "Pelo excesso do amor, nos nutrimos d'Ele como pão, ungimo-nos d'Ele como perfume, somos envolvidos por Ele como água". A beleza poética das palavras que a polifónica tradição espiritual cristã nos oferece representa um dom, uma fonte por vezes escondida e inacessível ao comum leitor. A tradução para português de um clássico da Igreja Ortodoxa constitui por si um acontecer bem merecedor de registo.

Nicolau Cabasilas é celebrado como santo nas Igrejas Ortodoxas e como um dos seus mais insignes teólogos e poetas. Natural de Tessalónica (Grécia), Cabasilas marcou o contexto teológico mas também político e eclesial do século XIV bizantino, embora não se conheçam muitos dados biográficos seus. Para a tradição consignou duas obras fundamentais, *A explicação da Divina Liturgia* e este *A Vida em Cristo*, nas quais, no bom sabor oriental, os símbolos e gestos das celebrações sacramentais constituem a escola por excelência de uma vida cristã e humana em plenitude, traduzida nas Bem-aventuranças.

A Vida em Cristo percorre numa primeira parte os passos rituais do Batismo, da Eucaristia e da Unção (seja no Crisma como na consagração de um altar) para neles encontrar o diálogo e a divina parceria entre Deus e a Humanidade. O encontro com a espiritualidade ortodoxa oferece-nos uma visão positiva da história da salvação, na medida em que esta é muito mais do que a anulação de uma condenação: é a progressiva modelação da Carne, da humanidade à imagem de Cristo, seu Esposo; assim, Cristo não é apenas um mestre que caminha ao nosso lado, mas é o Corpo no qual vivemos e respiramos, como a criança que cresce no abraço materno. E todos os nossos membros – na segunda parte da obra –, todas as nossas faculdades são envolvidas nesta regeneração, com destaque para a nossa memória: é ela quem, na gratidão aprendida na oração quotidiana, permite que o Evangelho cure e liberte os dias marcados pelo medo, pela tristeza e pelo pecado.



Autor
Nicolau Cabasilas
Edição
Secretariado Nacional de Liturgia
Páginas
288

A leitora e o leitor que se entreguem à fecunda leitura deste clássico, dedicando-lhe o tempo e a calma necessários, encontrarão diante de si um verdadeiro livro de teologia cristã e espiritual, não no sentido de um livro técnico ou reservado a especialistas, mas no sentido de uma obra de sabedoria sobre os bens divinos com que Cristo molda a nossa existência; bens que todos nós, sem exceção, somos convidados a conhecer e a saborear.

O amor que Deus tem pelos homens O esvaziou: Deus, ao convidar o servo a quem ama, não permanece no mesmo lugar, mas desce e vai à sua procura; sendo rico, vem à morada do pobre; ao apresentar-Se, declara diretamente o seu amor e busca um amor igual; rejeitado, não Se afasta; perante a insolência, não Se encoleriza; expulso, permanece à porta (cf. Ap 3, 20) e faz de tudo para Se mostrar verdadeiro amante; martirizado, suporta e morre. ■

O amor que Deus tem pelos homens O esvaziou: Deus, ao convidar o servo a quem ama, não permanece no mesmo lugar, mas desce e vai à sua procura; sendo rico, vem à morada do pobre; ao apresentar-Se, declara diretamente o seu amor e busca um amor igual.

UMA PASTELARIA EM TÓQUIO
APRENDER A FALAR COM FEIJÕES





An - Uma Pastelaria em Tóquio,
de Naomi Kawase,
Drama, M/12, JAP/ALE/FRA, 2015.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

(Re)visto agora, a partir da janela do confinamento, este filme *Uma Pastelaria em Tóquio* ganha novos sabores, que é como quem diz, entranha-se em nós de uma maneira mais intensa.

Temos diante de nós, de idades e situações diferentes, três personagens 'em quarentena', quer dizer, sozinhos, em sofrimento, encerrados em dias repetitivos, sem ponto de fuga, à espera de nada. Até que Tokue, uma mulher já vergada pelo peso dos anos e da vida, mas ainda capaz de levantar o olhar para ver, falar e até dançar com as cerejeiras, se aproxima da pequena pastelaria que faz *dorayaki* – uma espécie de panqueca dupla recheada com uma pasta de doce de feijão *azuki*. Tokue sabia melhor do que ninguém fazer a tal pasta de doce de feijão e dispunha-se a trabalhar naquela pastelaria a troco de quase nada.

Essa pastelaria é gerida por Sentaro, que estava ali, sem alegria, consciente de que aquilo que oferecia não tinha qualidade, ao ponto de nunca ter comido nenhum dos *dorayaki* que vendia. Como um 'condenado' a expiar penas passadas.

E de entre as adolescentes que frequentavam a pequena pastelaria, destacava-se Wakana, uma rapariga de olhar melancólico e pouco faladora, que vivia num apartamento onde nem sequer era autorizada a ter um pássaro, porque ele cantava demais.

Tokue acabou por ficar a trabalhar ali, depois de Sentaro ter provado a pasta de doce de feijão que ela fizera, concluindo que nunca comera nada assim. A sua chegada vai alterar tudo na vida de Sentaro e Wakana. Aquela mulher entrega-se tão inteiramente ao que faz e às pessoas, que eles não ficam indiferentes e, pouco a pouco, vão abrindo os corações, tomando consciência das feridas que lhes doem e os fecham em si mesmos.

Tokue, que tinha deixado de vir trabalhar porque era leprosa, com a sua simplicidade e serenidade, tinha-os levado a descobrir que a vida pode estar cheia de sentido, mesmo com todas as maldades e dificuldades.

Saberemos isso no final, quando Sentaro e Wakana numa visita ao sanatório, ficarem a saber que Tokue tinha morrido e percorrerem um caminho de redenção, acompanhados pela amiga mais próxima de Tokue. Então, Sentaro recebe em herança os utensílios com que ela fazia a deliciosa pasta de doce de feijão e Wakana fica a saber que o seu canário voa agora em liberdade.

É um filme de emoções e de denúncias. Aquelas cenas na pastelaria, quando demoradamente é trabalhada e apurada a pasta de doce de feijão, sem pressas e com toda a ternura, são tão belas como as cerejeiras em flor ou o caminhar por entre as árvores no jardim. Ao rever estas imagens, não consegui deixar de me lembrar do escritor Luís Sepúlveda e do seu amigo Carlo Petrini, fundador do movimento *Slow Food*. Precisamos de aprender a viver segundo um ritmo mais humano, necessariamente mais lento, mas seguramente mais capaz de nos fazer felizes.

Mas o filme, segundo a própria realizadora, Naomi Kawase, quer também ressaltar a necessidade de não deixarmos que a sociedade nos isole ou nós próprios criarmos barreiras que nos impeçam de estar bem com os outros. E termino com uma frase sua:

Por vezes, ao olharmos para uma pessoa à distância pensamos que ela está demasiado zangada, mas se nos aproximarmos o suficiente reparamos que, na realidade, pode estar a chorar, simplesmente à procura do calor humano das outras. ■

S. Pedro e S. Paulo
apóstolos e mártires



S. Pedro e S. Paulo, pintura sobre madeir

A Palavra de Deus

Quando Jesus se manifestou aos seus discípulos junto ao mar de Tiberíades, depois de comerem, perguntou a Simão Pedro:
"Simão, filho de João, tu amas-Me mais do que estes?".
Ele respondeu-Lhe: "Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo".
Disse-lhe Jesus: "Apascenta os meus cordeiros".
Voltou a perguntar-lhe segunda vez:
Simão, filho de João, tu amas-Me?".
Ele respondeu-Lhe: "Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo".
Disse-lhe Jesus: "Apascenta as minhas ovelhas".
Perguntou-lhe pela terceira vez: "Simão, filho de João, tu amas-Me?".
Pedro [...] respondeu-Lhe: "Senhor, Tu sabes tudo, bem sabes que Te amo". Disse-lhe Jesus: "Apascenta as minhas ovelhas".
[...]"Quando eras mais novo, tu mesmo te cingias e andavas por onde querias; mas quando fores mais velho, estenderás a mão e outro te cingirá e te levará para onde não queres".

Jo 21, 15-18

A palavra de Santo António

Contrafeito, Pedro, foi conduzido àquela morte penosa, mas por vontade foi exaltado por ela; contrafeito foi até ela, mas venceu-a com a vontade e deixou o afeto da fraqueza, que leva o homem a não querer morrer.

Isto é tão natural que nem depois de velho largara Pedro... Mas qualquer que seja a moléstia da morte, vence-a a força do amor; se não custasse nada ou custasse pouco a morte, não seria tão grande a glória do martírio.

São Paulo foi, no campo da Igreja, um ónagro* do campo. Semeou-a com a semente de palavra divina; enxertou garfos de vida santa em árvores que não davam fruto, de modo que dessem fruto; preparou pastos de vida eterna; decorou-a com variadas flores de virtudes.

Vivendo assim em carne mortal, em espírito anda buscando o gozo que sacia todos os desejos.

Ó amor de Cristo, que tornas doces todas as coisas amargas! O sofrimento dos Apóstolos foi horrível e amargo; mas o amor de Cristo tornou-o agradável e doce para que o recebessem com avidez e deleite e, depois, gozassem eternamente com Ele, que é bendito por séculos eternos. Assim seja.

Festa dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo

* *animal da família dos equídeos, que constitui uma subespécie de jumento selvagem.*



Frei Valentim Strappazzon

a de Jacopo di Paolo, final sec. XIV, Pinacoteca Nacional de Bolonha. Faria parte de um políptico desmembrado dos 12 Apóstolos.

Aprofundemos

Para os apóstolos Pedro e Paulo, Frei António consagra dois sermões. ***A Cadeira de S. Pedro*** recorda a profissão de fé em Cesareia: "Tu és o Cristo Filho de Deus vivo" (Mt 16:16) e o poder de ligar e desligar: "Tu és Pedro... dar-te-ei as chaves do reino dos céus..." (Mt 16:19). ***A conversão de S. Paulo***, narra o episódio de Damasco e a promessa de Jesus de os apóstolos se sentarem ao seu lado para julgar o povo de Deus (Mt 19:29). Para os dois apóstolos reunidos dedicou o sermão ***Os Apóstolos S. Pedro e S. Paulo*** que evoca a sua missão como pastores e o seu martírio.

Pedro foi levado à morte contra a sua vontade, mas por sua vontade e pela força do amor venceu a morte e a glória do martírio foi ainda maior. Paulo, como um bom jumento do campo, cultivou o terreno da Igreja, semeou a palavra de Deus, enxertou árvores bravas com ramos de vida eterna para darem frutos, alimentou-a com pastagens de vida eterna e decorou-a com as flores da virtude, suportando perseguições e perigos de morte, além de assumir a preocupação com todas as igrejas.

O mês de Junho de 2020 lembra-nos o junho de 1220, há 800 anos, quando o jovem Fernando, movido pelo exemplo dos primeiros frades franciscanos, martirizados em Marraquexe, deixou o mosteiro dos cónegos regrantes de Santo Agostinho em Coimbra, para vestir o hábito franciscano e partir para Marrocos para sofrer o mesmo martírio. António foi um mártir do desejo e se a espada do perseguidor – repetem concordes os seus biógrafos – não lhe tirou a vida, a sua alma não perdeu a palma do martírio.

O amor de Cristo transforma em doçura de alma até as coisas mais amargas que podemos encontrar no serviço a Deus e ao próximo. ■

Diálogos com António

COIMBRA 1220·2020
JUBILEU
DOS MÁRTIRES DE MARROCOS
E SANTO ANTÓNIO

Em 2020, celebra-se o Jubileu
dos 800 anos dos Mártires de Marrocos
e da vocação franciscana de Santo António.

**Os "Diálogos com António 2020"
foram interrompidos devido à COVID-19.
Recomeçam, no mês de Santo António, com
transmissão em direto, nas redes sociais.**

21:15

13 JUN

Santo António: o monge, o frade, o santo
Frei Fabrizio, Frei Luciano Bertazzo, Frei Jorge Marques, Pedro Teotónio Pereira

20 JUN

O dom frágil da vida
Ana Sofia Carvalho, Margarida Neto, Carlos Costa Gomes, Pe. Nuno Santos, S. Correia

27 JUN

Europa, para onde vais?
Graça Franco, Gonçalo Cadilhe, Paulo Rangel, Carlos Fiolhais, Américo Pereira

www.jubileu2020.pt
santoantonio.live/jubileu2020